

TRAVESSIAS ED. 03 ISSN 1982-5935
Educação, Cultura, Linguagem e Arte
www.unioeste.br/travessias

**CONTRIBUIÇÕES LINGÜÍSTICAS: DOS ESTUDOS SAUSSURIANOS AOS
ESTUDOS MODERNOS**

Francisco Borges da Silva¹

RESUMO: A partir de uma abordagem teórica, este estudo traça um breve histórico acerca dos estudos lingüísticos desde os estudos pré-saussurianos aos estudos lingüísticos modernos. Mediante recortes nos estudos de linguagem, o presente artigo objetiva refletir sobre a fase pré-saussuriana, o advento do estruturalismo, o gerativismo e as lingüísticas textuais, apresentando comentários acerca do processo evolutivo da lingüística.

PALAVRAS-CHAVE: Ciência; Estruturalismo; Gerativismo; Lingüística Textual.

ABSTRACT: Starting from a theoretical approach, this study accomplishes a historical abbreviation concerning the linguistic studies, from the studies pré-saussurianos to the modern linguistic studies. By cuttings in the language studies, the present article aims at to contemplate on the phase pré-saussuriana, the coming of the structuralism, the generativism and the textual linguistics, presenting comments concerning the evolutionary process of the linguistics.

Key Words: Science; Structuralism; Generativism; Textual Linguistics.

INTRODUÇÃO

As reflexões sobre a linguagem são contemporâneas à história da humanidade, suas impressões aparecem nos primeiros documentos conhecidos pelo homem. Isso não poderia ser de outro modo, visto que a escrita que conservou esses textos se baseia necessariamente em uma análise preliminar da linguagem. Em muitos casos, porém, tal reflexão anuncia a lingüística apenas indiretamente, quase sempre manifestada como uma série de indagações sobre a origem, a forma e o poder das palavras.

¹ Mestrando do Programa de Mestrado em Estudos de Linguagens – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. E-mail: telesborges@yahoo.com.br

As pesquisas sobre a origem da linguagem se afirmam no momento em que aparecem as primeiras gramáticas e se prolongam no transcorrer da história ocidental, até a primeira metade do século XIX.

A classificação das línguas, a evolução histórica de seus aspectos fonológicos, morfológicos e léxicos, os estudos sobre distribuição geográfica dos idiomas indo-europeus e a reconstrução da língua comum de que provinham definiram o contorno geral dos estudos lingüísticos que dominaram a segunda metade do século XIX. Na década de 1870, o movimento dos neogramáticos, cujos principais representantes foram os alemães August Leskien e Hermann Paul, marcou um dos períodos mais significativos da lingüística histórica por conferir à disciplina um caráter mais científico e preciso.

Com base nas teorias evolucionistas de Charles Darwin e na compreensão da língua como um organismo vivo, que nasce, se desenvolve e morre, os neogramáticos atribuíram a evolução histórica das línguas a determinadas leis fonéticas, regulares e imutáveis, a partir das quais seria possível reconstruir as formas originais de que haviam surgido. Apesar das evidentes limitações desse enfoque fonético, o método e as técnicas dos neogramáticos muito influenciaram os lingüistas posteriores.

Nas correntes lingüísticas surgidas durante a primeira metade do século XX, foram também importantes as teorias desenvolvidas um século antes pelo alemão Wilhelm von Humboldt, para quem a língua, organismo vivo e manifestação do espírito humano, era uma atividade e não um ato. Com sua concepção estruturalista da língua como um conjunto orgânico composto por uma forma externa (os sons), estruturada e dotada de sentido por uma forma interna, peculiar a cada língua, Humboldt foi o precursor do estruturalismo lingüístico de Ferdinand de Saussure.

Sob esse entendimento e mediante recortes nos estudos de linguagem, o presente artigo objetiva refletir sobre a fase pré-saussuriana, o advento do estruturalismo, o gerativismo e as lingüísticas textuais.

1 ESTUDOS PRÉ-SAUSSURIANOS

Antes do século XIX, quando a lingüística ainda não havia adquirido caráter científico, os estudos nessa área eram dominados por considerações empíricas sobre a própria condição da linguagem, que proliferaram em vários glossários e gramáticas cujo objetivo era explicar e conservar as formas lingüísticas conhecidas.

No século V, antes da era cristã, surgiu na Índia a primeira gramática destinada a preservar as antigas escrituras sagradas. Na Grécia antiga, as questões propostas em torno da

naturalidade e arbitrariedade da linguagem, ou seja, o que existe nela "por natureza" ou "por convenção" deram origem a duas escolas opostas: os analogistas sustentavam a regularidade básica da linguagem, devida à convenção, e os anomalistas consideravam que a linguagem era irregular, por refletir a própria irregularidade da natureza. As pesquisas sobre essas questões, que os gramáticos romanos se encarregariam, mais tarde, de continuar e transmitir, impulsionaram o progresso da gramática no Ocidente.

O primeiro texto de lingüística de que dispomos é o da gramática sânscrita de Panini (século IV a.C.). O tratado de Panini tem por objeto essencial os procedimentos de derivação e de composição morfológica descritos com auxílio de regras ordenadas.

Segundo Lopes (1997), a descoberta, no final do século XVIII, das afinidades "genealógicas" entre o sânscrito, o grego e o latim, atribuída comumente ao orientalista inglês Sir William Jones, deu lugar a um exaustivo estudo comparado dessas e de outras línguas. Tais pesquisas apresentaram os primeiros resultados positivos quando, em 1816, o lingüista alemão Franz Bopp publicou sua obra (*Sobre o sistema das conjugações em sânscrito...*). Por meio da comparação metódica das conjugações do sânscrito, persa, grego, latim e alemão, Bopp concluiu que as afinidades fonéticas e morfológicas demonstravam a existência de um tronco hipotético ou língua comum anterior, o indo-europeu.

Foram assim estabelecidos os alicerces da gramática comparada, que não tardaria a adquirir caráter científico graças ao trabalho de dois lingüistas: Rasmus Rask, na Dinamarca, e Jacob Grimm, na Alemanha. Ao primeiro se deve a elaboração de uma gramática geral e comparativa das línguas do mundo e o estabelecimento de uma série de correspondências fonéticas entre as palavras de significado igual ou semelhante. Grimm acrescentou a esses estudos uma perspectiva histórica, ao pesquisar as numerosas correspondências fonéticas entre as consoantes do latim, do grego, do sânscrito e do ramo germânico do indo-europeu. O resultado de sua pesquisa, conhecido como "lei de Grimm" ou "primeira mutação consonântica do germânico", representou um progresso notável nos estudos lingüísticos (LOPES, 1997).

Assim, os estudos teóricos acerca da lingüística, enquanto ciência, comprovam que, antes do advento saussuriano (estruturalismo), o apogeu que vigorava referia-se à lingüística histórica ou gramática comparada.

Lopes (1997, p. 54) refere que antes de Saussure estava em plena

[...] vigência a lingüística histórica ou gramática comparada – que cobre todo o século XIX e se pode dividir, conforme Pedersen e Meillet, em um primeiro período, de Rask e Bopp até Schleicher (aproximadamente 1870), e em um segundo, que começando por esses anos (1870) teria como nomes de primeira plana Jakob Grimm e Friedrich Diez.

Os neogramáticos pregavam a teoria da transformação das línguas à imagem e semelhança da transformação dos seres vivos, isto é, eles acreditavam que a língua tinha seu ápice e seu declínio. De acordo com Lopes (1997, p. 56), essa teoria da transformação das línguas à imagem e semelhança da transformação dos seres vivos foi levada a extremos pelos neogramáticos.

Portanto, a utilização, por parte dos neogramáticos, da teoria da transformação (línguas vivas como seres vivos) antecede o período saussuriano. Foi, então, a partir desse período que Saussure revolucionou a lingüística.

Negar a contribuição de Ferdinand de Saussure aos Estudos Lingüísticos seria negar a Lingüística como ciência, visto ter sido a partir dos estudos lingüísticos efetuados por Saussure que a Lingüística passou a ser considerada como ciência. Por essa razão, Ferdinand de Saussure passou a ser conhecido como o Pai da lingüística moderna.

Segundo Faraco (2005, p.27), os manuais de história da lingüística costumam apresentar Ferdinand de Saussure como o pai da lingüística moderna. Entende-se por lingüística moderna, os estudos sincrônicos praticados intensamente durante o século XX em contraste como os estudos históricos, que predominaram no século anterior.

2 O ESTRUTURALISMO

Com o progresso do método comparativista, os estudos lingüísticos do século XX adotaram uma nova orientação e uma nova atitude com relação ao enfoque e ao objeto de estudo da lingüística. Ao invés de se concentrar na descrição histórica da língua, como queriam os gramáticos comparativistas, a lingüística daria maior ênfase ao estudo da linguagem em si mesma e a seu caráter sociocultural.

Durante a primeira metade do século XX, as novas orientações lingüísticas estiveram representadas fundamentalmente pelo estruturalismo, cujos expoentes foram Ferdinand de Saussure, na Europa, e Leonard Bloomfield, nos Estados Unidos.

Convém lembrar que, até a Segunda Guerra Mundial, a lingüística ainda não tinha se consolidado como ciência, era encarada apenas como disciplina fundamental histórica nos estudos efetuados pelas universidades. E foi a partir dos estudos saussurianos (estruturalismo) que a lingüística realmente se tornou ciência. O estruturalismo recorreu-se ao método científico indutivo – do particular para o geral.

Ex.: Sócrates é homem e mortal; logo, todos os homens são mortais.

De acordo com Lopes (1997, p. 52),

Saussure foi o primeiro cientista da área de humanas e sociais a empregar o método hipotético-dedutivo, sistematicamente, justificadamente e por

princípio – isso em um tempo que a regra geral era privilegiar o método empírico-indutivo, o que inviabilizava, de saída, qualquer tentativa de se produzir ciência pura, teoria.

Como se sabe, a lingüística é uma ciência nova que teve sua consolidação no século XIX, com a solidificação de uma ciência sincrônica da linguagem estudada por Saussure.

Para Faraco (2005, p.28), é inegável que

[...] Saussure realizou um grande corte nos estudos lingüísticos. Suas concepções deram as condições efetivas para se construir uma ciência sincrônica da linguagem. A partir de seu projeto, não houve mais razões para não se construir uma ciência autônoma a tratar exclusivamente em si mesma e por si mesma, e sob o pressuposto da separação estreita entre a perspectiva histórica e a não-histórica.

É sabido que Saussure estabeleceu a sincronia como elemento básico para o estudo de língua, embora não desprezara a diacronia.

Saussure, pai da lingüística moderna, com base no estruturalismo, mostrou que a língua poderia ser exclusivamente como uma forma (livre de suas substâncias) e que esta forma se constituía pelo jogo sistêmico de relações de oposição. *Jogo este que funciona de tal modo que nada é num sistema lingüístico senão uma teia de relações de opiniões* (FARACO, 2005, p.28).

Ora, é sabido que o gesto epistemológico saussuriano instaurou possibilidade da imanência, ou seja, a língua como um sistema de signos independentes, e juntamente como ela a de uma ciência autônoma da linguagem sob a perspectiva real sincrônica que se deu graças aos estudos pré-saussurianos.

Embora o marco simbólico do início da lingüística como ciência foi a partir do manifesto de William Jones (1746 - 1794), em 1786, ela é realmente tida como ciência a partir dos estudos de Ferdinand de Saussure, não se pode negar a contribuição de estudiosos que antecederam o período saussuriano.

A contribuição deixada por Saussure se deu na continuidade dos percussores que o antecederam, isto é, na sistematização da velha intuição de que as línguas humanas são totalidades organizadas. Em seguida, o botânico A. Schlei (1821-1867) com sua concepção naturalista e evolucionista da época concebia a língua como um organismo vivo. E, Whitney formulou a idéia da língua como uma instituição social.

Mais uma vez, vale frisar, não se pode negar os esforços, tão pouco o legado, dos estudiosos da linguagem que antecederam a fase pré-saussuriana (estruturalista). Então, cabe, aqui, destacar o legado de alguns pioneiros deixado antes da lingüística ser consolidada como ciência e apontar as contribuições lingüísticas após o advento do estruturalismo.

Willian Jones (1786) em seus estudos lingüísticos destacou as inúmeras semelhanças entre o sânscrito, o latim e o grego, explicando as semelhanças através de uma origem comum entre elas. A partir dessa semelhança entre as línguas neolatinas, houve uma febre de estudos sânscritos: escreveram-se gramáticas e dicionários, fundou-se a Escola de Estudos Orientais (Paris, 1795). Inicia-se o surgimento do método comparativo.

Schlegel (1772-1829) e Franz Bopp (1791-1867) desenvolveram a gramática comparativa. Faz-se necessário esclarecer que a gramática até então utilizada era a tradicional, que se baseava nos estudos sintáticos (puramente Sintaxe). Schlegel e Bopp desenvolveram a gramática funcional que se baseava na estrutura paradigmática (Morfologia).

Vale recordar que a gramática já havia sido desenvolvida na Antigüidade por Panini que contribuiu estudando a gramática – a língua – com fim religioso. Com objetivos práticos, servindo de ferramenta para utilização prática.

Já Mattoso Câmara Jr. referiu-se à gramática no sentido artificial, ou seja, livro que contém sistematicamente as regras de uma língua. A lingüística era vista como função social antes do seu advento e, só a partir de então, passou a ser vista como ciência.

Schlegel (1808) publicou *Über die Sprache und die Weisheit Inder* (Sobre a Língua e a Sabedoria dos Hindus). Nesse texto, o autor reforçou a tese de Jones sobre o parentesco das línguas que se evidenciava principalmente pelos elementos gramaticais (fonológicos e morfológicos). Essa semelhança foi o ponto de partida dos estudos comparativos germânicos.

Franz Bopp (1816) publicou Sobre o sistema de conjugação da língua sânscrita em comparação com o da língua grega, latina, persa e germânica, no qual, por meio da comparação da morfologia verbal de cada uma dessas línguas, as correspondências sistemáticas que havia entre elas, fundamento para se revelar empiricamente seu efetivo parentesco. Assim, criou-se o método comparativo, procedimento essencial nos estudos de lingüística histórica.

Bopp estendeu esse trabalho comparativo durante décadas, o que resultou no surgimento de Gramática comparativa do sânscrito, persa, grego, latim, lituano, gótico e alemão, obra básica e pioneira em lingüística histórica, no que se refere aos estudos comparativos, constituída pelos estudos das línguas indo-européias. Costuma-se dizer que o estudo histórico foi estabelecido por Jacob Grimm (1785- 1863), um dos irmãos que ficaram famoso, no contexto Romantismo alemão, coletando histórias infantis tradicionais (FARACO, 2005, p.32). Grimm, em seu livro *Deutsche Gram Matik*, interpretou a existência de correspondências fonéticas sistemáticas entre as línguas como resultado de motivações regulares no tempo.

Os trabalhos iniciais de Bopp e Grimm se diferenciam pelo fato de que Bopp estabelecia o parentesco entre as línguas sem nenhuma cronologia entre eles, já Grimm, ao estudar as

semelhanças, tinha seus dados distribuídos numa seqüência de 14 séculos, o que pôde estabelecer a sucessão histórica das formas que estava comparando.

Foi a partir dos estudos de Grimm que clareou acerca de que a sistematicidade das correspondências entre as línguas tinha a ver com o fluxo histórico e, em particular, com a regularidade dos processos de mudanças lingüísticas.

Vale salientar, também, nesse período, o desenvolvimento da chamada filologia ou lingüística românica, nome que se deu ao estudo histórico-comparativo das línguas oriundas do latim, iniciado sistematicamente pelo lingüista alemão Friedrich Diez (1794-1876). Diez (1836-1844) publicou uma gramática histórico-comparativa das línguas românicas e mais tarde (1854) um dicionário etimológico dessas línguas. E, que a filologia românica teve um papel fundamental no desenvolvimento dos estudos histórico-comparativos (BACH, 1979).

Em 1878, teve início o movimento neogramático, com a crítica da concepção naturalista da língua atribuída por Hermann Osthoff e Karl Brugmann, os quais alegavam que a língua deveria ser vista ligada ao indivíduo falante. O que implica na introdução de uma concepção psicológica subjetivista na interpretação dos fenômenos lingüísticos. Para Osthoff e Brugmann, o principal objetivo do pesquisador era estudar as línguas vivas atuais e aprender a natureza de suas mudanças.

Em 1951, Chomsky codificou os métodos da Lingüística Estrutural (principais proponentes dos postulados e objetivos da lingüística norte-americana). Porém, a lingüística americana (artigos de fé ou postulados) foi posta em dúvida antes de 1957. E os debates acerca dessa polêmica serviram como exemplificação da influência de idéias sobre a natureza e métodos no progresso da própria ciência. (BACH, 1979)

Sabe-se que a lingüística americana foi reexaminada sob luz de duas correntes científicas: baconiana e kepleriana. (BACH, 1979) *Baconiana*: Objetiva-se em obter um conhecimento seguro sobre o mundo. A única base certa para este conhecimento é a observação e a experimentação. Francis Bacon (método de experimentação – indução e dedução). Fundada na maior quantidade de evidências, e, pois com a maior probabilidade de ser verdade. *Kepleriana*: dá ênfase à natureza criadora da descoberta científica, salto para hipóteses gerais, muitas vezes, matemáticas na forma, cujo valor se julga em termos de fertilidade, simplicidade e elegância. Todavia, em 1957, os postulados que prevaleciam na lingüística norte-americana eram de natureza *baconiana*.

Com o advento da ciência moderna, grande parte dos estudos científicos foi rejeitada, quando se tentou banir da filosofia a metafísica, uma vez que os conceitos mais comuns da ciência física (magnético: solúvel em água) foram reprovados no teste da redução absoluta.

Sendo assim, todos os esforços para justificar um princípio de indução fracassaram. A história da ciência comprova que as teorias do mundo não são verdades absolutas. E só a partir dos estudos comparados (estruturalismo) a ciência deixou de ser vista como pronta e acabada.

Conforme Bach (1979), Freeman Twaddel mostrou que os fonemas são construção totalmente hipotética. Se a fonologia deve ser considerada como base da gramática por motivos fisicalistas, esta base é muito frágil. A lingüística lida com dados culturais.

Como se sabe, os dados sobre os sons de uma língua são tão culturais quanto os dados sobre as sentenças de uma língua ou os dados sobre os significados dessas sentenças. Deste modo as hipóteses e construções teóricas da fonologia não são nem mais menos seguras do que as da sintaxe. Acreditava-se que todas as línguas tinham a mesma estrutura que o latim. O método comparativo constatou que não há.

De acordo com Bach (1979), Chomsky fez com que se voltasse a atenção para a forma das gramáticas, para a explicação da noção de regra gramatical e para as propriedades das gramáticas que seriam necessárias se quisermos que as gramáticas nos permitam fazer predições sobre as línguas que possam ser testadas de um modo mais amplo e mais explícito. Ele contribuiu pra os estudos de linguagens com as regras transformativas. Traçou analogia entre teoria matemática e gramática para explicar os níveis lingüísticos. Tal analogia constatou que o sistema lingüístico é mais complicado que a teoria lógica ou matemática e que uma teoria de qualquer língua não é completa.

De acordo com Chomsky (BACH, 1979), enquanto as perspectivas teóricas tomam a distribuição como algo dado, como uma noção que se pode usar para definir as unidades e classes de uma descrição gramatical, a abordagem gerativa toma a distribuição como a noção que deve emergir como o resultado final de uma teoria gramatical. Para ele a distribuição passa a ser exatamente o problema.

É importante lembrar que os postulados da lingüística pré-chomskyana foram postos em dúvida. A teoria formulada por dedução fora chamada de lingüística taxionômica e de história natural (termo considerado maldoso na época).Entretanto, as revoluções sempre acarretam re colocação da história, quer intelectual, quer política. A reavaliação da história da lingüística tem sido alvo de grandes debates (pois os lingüistas são considerados briguentos). As controvérsias durante a história da lingüística são louváveis, pois graças a elas a ciência cumpre o seu papel – investigar.

3 ESTUDOS LINGÜÍSTICOS: MUDANÇAS E REPERCUSSÕES

Mattoso Câmara Júnior (1986) abordou a lingüística em sua diversidade de conceitos e de escolas, sua evolução, desde os estudos pré-lingüísticos aos estudos de Fonética e Fonologia. Para Mattoso, a invenção da escrita propiciou à humanidade a percepção da existência de formas lingüísticas à medida que transformavam o som em escrita convencional, criando uma nova atitude social, cujo clima em relação à linguagem e seu estudo podem desenvolver-se através do impacto de fatores sociais e culturais, o que originou a criação da gramática.

Já Castelar de Carvalho (2000) apresentou uma visão geral da lingüística antes de Saussure, como também, as mudanças e repercussões.

De acordo com Carvalho (2000, p. 17-18), a partir do século

[...] XIX, a Lingüística adquiriu “status de ciência”, porém, para isso, passou por três fases sucessivas: 1. Filosófica – teve como precursores os gregos, cujos estudos, calcados na filosofia, abrangeram a Etimologia, a Semântica, a Retórica, a Morfologia, a Fonologia e a Sintaxe; 2. Filológica – surgida na Alexandria por volta do século II a.C., definiu-se historicamente como estudo da elucidação de textos, de preocupação marcadamente gramatical, dedicou-se à Morfologia, à Sintaxe e à Fonética; 3. Histórico-comparatista – marcada pela descoberta do Sânscrito entre 1786 e 1816, mostra “as relações de parentesco genérico do latim, do grego, das línguas germânicas, eslavas e célticas com a antiga língua da Índia. Nessa terceira fase, havia a preocupação diacrônica em saber como as línguas evoluem, e não como funcionam.

Petter (2002) retrçou a história da linguagem humana e das línguas com uma nítida intenção de desfazer a primeira visão de Lingüística prescritiva/normativa, substituindo tais termos por explicativa/descriptiva. A princípio, a autora, apresenta um breve histórico acerca dos estudos de linguagem e uma discussão sobre o que é linguagem e, sobre a existência de uma linguagem animal. Em seguida, a referida autora discorreu acerca do que é lingüística, o que vem a implicar nessa posição explicativa/descriptiva oposta à da gramática prescritiva/normativa.

Uma visão de conjunto das principais correntes de lingüística moderna, focalizando os grandes momentos da história da língua nos foi apresentada por Leroy (1971). O referido autor abordou seus estudos a partir dos precursores, enumerando uma seqüência de estudiosos da história da língua. E chamou a atenção para o fato de que a hierarquia da língua é um fato social e não lingüístico, pois se estabelece por razões estranhas à própria língua.

Lyons (1979) expôs os objetivos, métodos e princípios básicos da teoria lingüística. De acordo com o referido autor, cada um dos principais subcampos da lingüística: os sons da língua, a gramática, a semântica, as modificações lingüísticas, a psicolingüística, a sociolingüística, a linguagem e a cultura, há uma introdução. Lyons destacou, ainda, as tendências atuais mais significativas e examinou as obras relacionadas a elas, priorizando os aspectos da disciplina, aqueles julgados mais importantes, ou seja, mais fundamentais e duradouros, e o contexto

biológico da linguagem humana, mostrando como as preocupações e os interesses dos lingüistas se ligam produtivamente aos interesses das ciências humanas e sociais.

Blecu (1979) notificou os antecedentes de uma revolução nos estudos da língua – a pré-revolução – 1ª fase, período que compreende 1816 a 1916. De acordo com o autor mencionado, as teorias científicas dominantes estruturam os estudos lingüísticos em todas as épocas da cultura ocidental.

Segundo Blecu,

[...] os estudos lingüísticos estão firmemente ancorados nas teorias científicas dominantes; dependem do conceito geral de ciência, da divisão das ciências, da situação dos estudos gramaticais dentro desta classificação e da relação com saberes conexos, como a retórica, a dialética, a psicologia, a sociologia ou a investigação das obras literárias (1979, p. 33).

Outro fator que muito contribuiu para esse período revolucionário dos estudos da língua foi a invenção da imprensa que promoveu uma grande expansão na divulgação dos livros de punho estruturalista. A partir do século XIX, o termo estruturalismo se constituía atração para a aquisição de livros.

Como se sabe, a invenção da imprensa possibilitou a leitura e a aquisição de conhecimentos nas classes sociais que não tinham acesso à leitura, auxiliando na fixação das línguas e, na mesma época, o início do uso do alfabeto nos dicionários até a redação e a publicação. O século XIX foi marcado por diversos autores e momentos que desenrolaram os estudos lingüísticos e apontaram eixos que atualmente se mantêm em diferentes práticas de análises históricas. Sendo assim, pode-se afirmar que “a língua é um sistema de signos independentes”, conforme afirmou Saussure.

Vale ressaltar que foi a partir dos estudos filosóficos que os estudos de linguagem se expandiram. Os filósofos eram especialistas nos estudos de textos literários e os estudos de linguagem eram feitos sob a luz de outras áreas. Mais tarde, porém, foi se voltando para a grande área da linguagem das quais compreende toda a filologia. Entretanto, havia certa preocupação por parte dos estudiosos de linguagem que antecedem o século XIX acerca da fonologia e da fonética.

Saussure, em seus estudos, acreditava que não havia lógica em estudar os sons, as sílabas, as palavras, as frases e os textos sem analisar um todo, isto é, sem uma estrutura.

De acordo com Sapir (In: MALMBERG, 1974), pode-se afirmar que a lingüística iniciou sua carreira científica e a reconstrução das línguas indo-européias a partir dos estudos comparativos. Muitas das formulações dos lingüistas comparativistas indo-europeus têm uma

nitidez e uma regularidade que lembram as fórmulas, ou as chamadas leis, das ciências naturais. Franz Bopp introduziu sistematicamente o comparativismo, ou seja, analisou e comparou as línguas que apresentavam semelhanças.

Segundo Sapir (In: MALMBERG, 1974), a lingüística histórico-comparatista se constituiu principalmente na base da hipótese de que as mudanças fonéticas são regulares e que a maior parte dos reajustamentos morfológicos em linguagem vem como produtos residuais na esteira desse desenvolvimento regular nos sons. É, em verdade, desejável e até necessária uma interpretação psicológica e sociológica para esse tipo de regularidade, na mudança lingüística, com que se defrontam, há tanto tempo, os estudiosos da linguagem. Não cabe a psicologia nem a sociologia, por falta de condições, dizer à lingüística que espécie de formulações históricas o lingüista deve fazer. Pois essas disciplinas poderão apenas estimular o lingüista a se interessar, de maneira mais vital do que até agora, com o problema de colocar a história lingüística no amplo quadro do comportamento humano, individualmente isolado e dentro da sociedade.

Saussure postula que o estudo da língua isolada não contribui a nada e que se deveria privilegiar o estudo da língua numa perspectiva sincrônica sem menosprezar a diacronia. O conceito fundamental e básico dos estudos de linguagem (estruturalismo) é o sistema e a estrutura, para Saussure. Como se sabe, Ferdinand de Saussure é o homem dos fundamentos.

A partir desse conceito, Saussure elaborou a dicotomia: diacronia x sincronia; significante x significado; paradigma x sintagma; língua x fala. Sendo estilo filosófico da época, paradigma x sintagma; língua x fala, foi a partir da dicotomia saussuriana – língua e fala - que houve a distinção entre fonologia e fonética, feita por Troubztzkoy e Jakobson. A fonologia tem como objeto de estudo os fonemas e a fonética os sons. A partir desses estudos, Jakobson passou a ser conhecido como pai da Fonética.

Deste modo, o estruturalismo tornou-se modelo epistemológico para século XXI, tendo a contribuição de alguns pesquisadores como Bacon, Foucault e outros.

De acordo com Lopes (1997. p. 61), Foucault

[...] caracterizou, em entrevista concedida em 1966, toda a sua geração – o grupo de pesquisadores que não tinha vinte anos feitos à época da Segunda Guerra Mundial – como uma geração apaixonada pelo sistema: “Nós pensávamos que a geração de Sartre era, decerto, uma geração corajosa e generosa, que tinha a paixão da vida, da política, da existência. Mas nós descobrimos outra coisa, uma paixão: a paixão do conceito e do que eu denominarei o sistema”.

O conceito novo de signo, criado por Saussure a partir de sua dicotomia, diverge do conceito de signo já existente, criado por Aristóteles. Na visão aristotélica – o signo é

convencional, porém na visão saussuriana – o signo é dotado de duas acepções: significante (imagem acústica) e significado (conceito).

De acordo com Saussure, o signo lingüístico

[...] une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. Esta não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão (*empreinte*) psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos; tal imagem é sensorial e, se chegamos a chamá-la “material”, é somente neste sentido, e por oposição ao outro termo da associação, o conceito geralmente mais abstrato (PAVEAU e SARFATI, 2006, p. 65).

Hjelmslev, discípulo de Saussure, prolongou a dicotomia significante e significado, trabalhando plano e conteúdo, visando dentro dessa perspectiva à forma. E, ainda, propôs o Plano de Expressão: substância de expressão - forma de expressão, e o Plano de Conteúdo: substância de conteúdo – forma de conteúdo.

O princípio da teoria de Saussure consiste na concepção de que a língua é forma e não substância. Já a fala, para Saussure, é psicofísica, ou seja, possui um lado psíquico e um lado físico. O conceito de *valor* sob a perspectiva da teoria saussuriana consiste na função que cada elemento representa. Como exemplo, pode-se tomar a função que o “a” desempenha dentro das orações a seguir:

1. *A* Bahia é belíssima. 2. Nunca fui *à* Bahia. 3. Eu não *a* conheço.

Pode-se observar, nos exemplos acima, que a palavra “a” desempenha várias funções, dependendo do contexto em ela esteja inserida.

A contribuição de Martinet para os estudos lingüísticos compreende a economia lingüística e a dupla articulação da linguagem – A primeira articulação diz respeito ao Conteúdo: morfema (palavra); a segunda diz respeito à Expressão Material: sons (fonemas). O princípio básico da lingüística compreende em estudar a língua em uso, pois parte de que nenhum ato de fala se repete, não existem duas línguas que represente a realidade da mesma forma.

Houve, então, a partir desse princípio, uma super valorização dos estudos sincrônicos. Ficando, então, claro o objeto de estudo da lingüística – a língua e da semiologia – a linguagem. Vale frisar que a pronúncia, ou melhor, o dialeto (regionalismo) é fator da lingüística externa.

Eugênio Coseriu (1979) desmembrou (definiu) língua de fala. Sem deixar de lado o foco principal – normas – a língua passou a ser objeto de estudo específico do campo fonológico e a fala do campo fonético, pois entre a língua e fala há as normas. Toda língua se sustenta em dois eixos: paradigmático (eixo das oposições) e o sintagmático (eixo das associações).

Como se sabe, o estruturalismo teve sua ascensão graças ao comparativismo, que para tanto, faz-se necessária uma abordagem histórica. A descoberta do Sânscrito e as semelhanças

entre as línguas grega e latina consolidaram o método comparatista. Embora os estudos teóricos evidenciem que já se estudava a língua pela língua (viés comparatista) a partir do século XVIII. Ora, a imanência consiste no ato dos fenômenos lingüísticos serem explicados a partir da própria língua, isto é, dos fenômenos lingüísticos. Já a sociolingüística consiste na transcendência (contrário da imanência).

O estruturalismo norte-americano nasceu no seio da antropologia – essa foi a diferença entre o estruturalismo norte-americano do europeu. É sabido que há duas correntes norte-americanas: estruturalismo mecanicismo e estruturalismo mentalismo.

Segundo Malmberg (1974, p. 200), o mentalismo

[...] supõe que os fatos meramente lingüísticos devem ser interpretados e completados com referências a fatos psíquicos (*in terms of mind*), enquanto, para o mecanicismo, a descrição lingüística perfeitamente independente e unicamente fundamentada em fatos lingüisticamente determináveis é mais sólida e mais justa que uma lingüística que, em vários pontos, supõe o recurso a uma disciplina científica estranha ao seu assunto. O leitor observa a semelhança dessa posição com o princípio de imanência reivindicado pela glossemática.

Assim, entende-se que a lingüística do século XX era a ciência piloto e, de acordo com a filologia, o texto era estático e só após o estruturalismo passou a ser visto como dinâmico.

Saussure foi um autor de duas faces: uma para o passado e outra para o futuro, pois em seus estudos, embora desse muita ênfase o sistema e a sincronia, ele já previa uma lingüística que abordasse o texto.

Os neogramáticos estudavam a partir de várias línguas um fato de ordem morfológica, sintática, fonológica. A unidade máxima de estudo do estruturalismo é a frase que se estende até o gerativismo, pois a lingüística é a ciência que se preocupa com o funcionamento da língua.

De acordo com Saussure, na língua não há mais do que diferença. A língua é forma e não substância. Não existe certo ou errado no que se refere aos vocábulos, mas sim o diferente.

Para se compreender esse processo de que língua é forma e não substância, é necessário destacar alguns itens: 1. Relatividade – não basta apenas saber qual é a natureza da palavra, mas qual é a função dela no contexto do discurso. 2. Funcionalidade – a função de cada elemento se define pela sua totalidade, ou, seja, pelo contexto que o vocábulo está inserido. 3. Unidade – toda estrutura se apresenta como uma unidade construída. A soma de cada elemento forma um todo organizado, ou, seja, a unidade. 4. Totalidade – toda unidade remete à totalidade. Uma estrutura, uma vez decomposta, ordenada forma uma totalidade. Ex.: um texto na totalidade é formado pelas unidades (palavras). [Uma unidade, uma vez estruturada, não tem significado nenhum sem ser visto de acordo com a posição e com as outras unidades que constitui um todo.] – princípio do estruturalismo. 5. Transformatividade – nenhum texto pode ser considerado estático. Todo

texto tem uma estruturação em completa mutuação. A estrutura é sujeita à transformação. Exemplo disso são as novas palavras que surgem e as que caem em desusos. 6. Auto-regularidade – cada conjunto de unidades possui imanentemente seu próprio sistema de escrita. Por exemplo: Ao escrever, nós lemos e reestruturamos nossos enunciados. Usamos as regras internas. Há uma retro alimentação.

Sendo assim, a partir dos estudos saussurianos, a língua passou a ser abordada sob dois aspectos: identidade e diferenças, isto é, a língua possui sua própria identidade e suas diferenças. Vale abordar que Greimas foi identificador dos conteúdos de função e relação do estruturalismo como conceito de estrutura elementar da significação semiótica.

Chomsky – considerado pai do gerativismo – porém, atribuiu seus estudos à frase, abordando um estudo diacrônico e sincrônico ao mesmo tempo. Ele ampliou os estudos voltados para a frase. Atualmente, estuda-se a partir de um todo para o específico, ou seja, do texto à sílaba (ao som). O gerativismo tinha por método investigador (científico) a dedução – do geral para o particular [Ex.: Todos os homens são mortais.].

Para Bloomfield (BACH, 1979), as únicas generalizações úteis sobre a linguagem são as indutivas. Ele atacou a tendência de se conferirem certas propriedades a todas as línguas. Ex.: A existência das categorias sujeito e predicado. Para ele, o postulado básico é que cada língua deve ser escrita nos termos da sua estrutura própria sem que o lingüista tente colocá-la dentro de um sistema preconcebido.

Sob o ponto de vista do gerativismo, a língua também é um conjunto sistêmico e, foi dividida em *competência* (objeto de estudo do gerativismo) possibilidades de criação das mensagens: *cognitivismo*: psicológica; *desempenho*: enunciados.

Chomsky (MALMBERG, 1974) (Gramática Transformacional) considera que a lingüística deve determinar as propriedades fundamentais em que se baseiam as gramáticas bem sucedidas. O resultado final dessa pesquisa deve ser uma teoria da estrutura lingüística em que os tipos descritivos utilizados pelas gramáticas particulares são apresentados e estudados abstratamente, sem referência específica a línguas determinadas. Uma das finalidades da teoria é por em evidência um método geral que permita escolher uma gramática para cada língua, dado um corpus da língua em questão.

Chomsky seguiu o modelo corrente americano, só admitindo uma única hierarquia de dependências. Para ele, "Uma língua" é um sistema extraordinariamente complicado, e é evidente que toda a tentativa que visa a apresentar diretamente o conjunto das seqüências gramaticais de fonemas levaria a uma gramática tão complexa que seria praticamente inútil. Por essa razão, entre outras, a descrição lingüística elabora um sistema de representações (MALMBERG, 1974).

Depois de Chomsky, quando começou o estudo da sociolinguística, a linguística passou a ser a do discurso. Na Segunda metade do século XX, anos 1970, passou-se a considerar a linguagem em uso, em funcionamento. Componentes da linguística textual, usuários, a sociedade, a cultura e não mais a linguística piloto da época dos estudos de Saussure, apenas o sistema (*langue* e *parole*), optando Saussure pela *langue*, sendo que Chomsky optou pelo desempenho da *langue*, utilizando-se da gramática comparatista durante seus estudos acerca da linguagem.

Segundo Bouquet (2004), para Saussure, a língua e a linguagem, consideradas através da reforma da linguística, continuavam a ser o lugar de uma busca inacabada, até mesmo quanto aos conceitos fundamentais que traçam o mapa dessa busca.

Bouquet (2004) assinala que a estrutura saussuriana pode ser representada como a estratificação de três configurações discursivas sucessivas articuladas juntas. A primeira configuração discursiva é uma *epistemologia* da gramática comparada; a segunda configuração discursiva é uma *metafísica*; a terceira configuração discursiva pode ser qualificada de *epistemologia programática*. A articulação dessas três configurações discursivas pode-se realizar, principalmente, porque alguns conceitos e uma proposição composta por esses conceitos são comuns aos três estratos em questão: são os conceitos de "língua", "sistema" e "signo", que formam a proposição *a língua é um sistema de signos*.

Mesmo sendo comuns aos três estratos, esses conceitos e essa proposição conservam, em cada um deles, valores irreduzíveis: um valor epistemológico, ou seja, *a posteriori*, na epistemologia da gramática comparada; um valor metafísico, ou seja, *a priori*, na metafísica do signo e na epistemologia programática da linguística.

Os estudos sobre a linguagem, sob a influência dos pesquisadores da linguística textual, apresentam um enfoque diferente daquele proposto pela gramática tradicional que visava apenas a memorização de algumas regras. Para os novos estudiosos da língua, que despontam a partir da década de 1980, é preciso saber usar a língua com todas as possibilidades de interação.

Nesse sentido, a linguística representa, hoje, um campo aberto e em contínua renovação, cujos estudos, a partir de perspectivas diferentes, contribuem para a construção de modelos cada vez mais amplos que considerem os elementos constituintes do fenômeno linguístico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizar nossas breves reflexões e na esperança de suscitar outras reflexões e discussões, entendemos que, graças aos estudos de Saussure, com a imanência da língua, pôde-se fazer um recorte e delimitar os estudos lingüísticos a partir de cada enfoque. Desde o gerativismo, a *parole* – discurso, uso em si – ampliou seus estudos; dando a vez à Lingüística Textual (do Discurso, da Enunciação).

Paveau e Sarfati (2006, p. 173), afirmam que as lingüísticas enunciativas têm por fundamento comum uma crítica à lingüística da língua e um desejo de estudar os fatos de fala: a produção de enunciados por locutores na situação real de comunicação.

É sabido, entretanto, que Saussure já mencionara, em sua teoria estruturalista, a necessidade de uma lingüística da fala, mas ele apenas deu vez para os estudos comparativos das línguas a partir de suas semelhanças gramaticais.

Até os anos 1970, o estruturalismo desenvolveu e aprofundou a teoria da língua, pois a partir daí, aumentou os estudos acerca da enunciação. A lingüística da enunciação analisava as marcas da enunciação na fala, marcas que são ferramentas cuja função é escrever na enunciação a subjetividade do locutor. (PAVEAU e SARFATI. 2006).

Para as autoras, agrupa-se sob a etiqueta lingüística discursiva a lingüística textual, a análise do discurso e a semântica de textos, que se fundamentam sobre a dimensão transfrástica dos enunciados (2006, p. 191).

A o cerne da questão, Paveau e Sarfati (2006, p. 191) afirmam que a abordagem das unidades

[...] transfrásticas, i.e., unidades superiores à frase, é um fenômeno de origem americana, pois a lingüística européia esteve principalmente constituída sob o postulado saussuriano do primado da língua que teve como efeito, até os anos 1970, desconsiderar os textos e os discursos, i.e. as unidades superiores à frase. Em 1950, o lingüista americano Zellig Harris apontou os problemas do nível transfrástico e da relação entre cultura e língua, pontos retornados e refinados, posteriormente, por Pike.

Como se sabe, os alemães dominam igualmente uma tradição de lingüística textual com uma orientação gramatical, trabalhos que começam a ser difundidos na França no início dos 1970. Embora, na França, os domínios sejam da semiótica e da análise do discurso que trabalham o domínio da fala, mas as verdadeiras tentativas de reflexão sobre o texto são bastante raras, e provém da filosofia. A elaboração teórica mais completa em lingüística sobre noção de texto vem da Suíça.

De acordo com Paveau e Sarfati (2006), a lingüística textual, como disciplina das ciências da linguagem, constituiu-se a partir de várias heranças deixadas ao longo dos estudos lingüísticos: *As hipóteses estruturalistas* que contém a idéia de que as unidades superiores à frase são organizadas

como as frases; *A semiótica literária* (Barthes – Escola de Paris) que constrói um objeto no qual as dimensões ultrapassam o quadro da frase; *A semiologia* que dirige a análise por meio da dimensão textual das produções verbais; *A lingüística textual* que toma as aquisições da retórica antiga clássica e nova, integrando-as em novas questões; *As produções verbais*, a sociolingüística de Labov e a sociologia de Goffmann.

Sabe-se, contudo, que a lingüística textual apareceu num contexto epistemológico dominado pela lingüística da frase, produto da cultura da gramática tradicional e da influência da gramática Chomskyana e transformacional.

Para Halliday e Hasan (In: PAVEAU e SARFATI, 2006), o discurso é uma unidade semântica (eles falam em uma unidade de uso da linguagem) e não uma unidade gramatical. Essa definição está no cerne da lingüística textual, no conjunto de seus desenvolvimentos. Já para Paveau e Sarfati (2006, p. 193), o discurso

[...] é um enunciado caracterizável certamente pelas propriedades textuais, mas, sobretudo, como um ato de discurso realizado em uma dada situação. O texto, ao contrário, é um objeto abstrato resultante da subtração do contexto operada sobre o objeto concreto (o discurso).

É conveniente ressaltar que o estruturalismo muito contribuiu para os estudos de linguagem, fato este incontestável. As lingüísticas textuais que o digam, porém, não se pode deixar de lado a contribuição dos estudos que antecederam a fase estruturalista.

Os estudos lingüísticos tiveram um avanço significativo e muito ainda terão os lingüistas para pesquisar, deixando sua contribuição acerca da linguagem humana – fonte inesgotável de pesquisa.

Compreendemos, com a ponderação deste trabalho, que muito se tem ainda para contextualizar sobre as consideráveis contribuições do Lingüista suíço Ferdinand de Saussure (Pai da Lingüística Moderna) com sua obra *Curso de Lingüística Geral*, no qual objetiva fazer uma célebre distinção acerca das estruturas lingüísticas de diversos traços da competência comunicativa desenvolvida e praticada por determinados grupos que, por sua vez, faz com que a linguagem humana assuma uma responsabilidade transformacional e se adapte de acordo com as necessidades dos falantes.

Assim, torna-se evidente que nossa contribuição é significativa com a elaboração deste trabalho científico para ampliar nossos conhecimentos lingüísticos para que tenhamos um maior entendimento sobre os pressupostos teóricos lingüístico-estruturais que tanto nos trouxeram indagações das estruturas lingüísticas que analisamos e que concordamos ser essenciais para a vida humana. Como diz Saussure, *a fala, ao contrário da língua, é algo puramente individual são as combinações pelas quais o falante realiza o código da língua no propósito de exprimir seu pensamento pessoal...*

O universo do discurso da linguagem e da fala, enfim, é uma característica exclusiva do ser humano e, por isso, fundamentais para alcançar a compreensão do mundo e das coisas a nossa volta. Pensamos a linguagem e somos o que a linguagem nos faz ser. Construímos e destruímos mundos diferentes. Podemos estreitar relacionamentos ou nos distanciarmos de relações com o exterior. A partir do momento em que falamos, abandonamos o nosso estado natural e passamos a dominar tudo o que existe no mundo. Criamos novos objetos e seres dentro e fora da realidade, nomeado o que nos cerca e fazendo de nós donos do real e do imaginário.

A pretensão que se tem neste artigo, entretanto, não é de exaltar especificamente a contribuição de nenhum estudioso da linguagem, tão pouco desmerecê-los ou desconsiderá-los, mas sim focar as contribuições dos estudiosos da área da linguagem para o avanço dos estudos lingüísticos, contribuições estas que cientificaram a lingüística, permitindo a ampliação dos estudos lingüísticos, desde os estudos antiestruturalistas às lingüísticas textuais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACH, Emmon. **A lingüística estrutural e a filosofia da ciência**. In: Novas Perspectivas Lingüísticas. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1979.

BLECUA, José Manoel. **Revolução na lingüística**. In: Biblioteca Salvat de Grandes Temas. Rio de Janeiro: Salvat Editora do Brasil, S.I. 1979.

BOUQUET, Simon. **Introdução à leitura de Saussure**. São Paulo: Cultrix, 2004.

CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. **História da lingüística: abordagens diferentes ao estudos da linguagem**. Pré-lingüística, paralingüística, lingüística propriamente dita. Tradução de AZEVEDO, Maria do Amparo Barbosa de. 4. ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.

CARVALHO, Castelar de. **A lingüística pré-saussuriana: para compreender Saussure: fundamentos e visão crítica**. 9. ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

COSERIU, Eugenio. **Teoria da linguagem e lingüística geral**. Trad. Agostinho Dias Carneiro. Rio de Janeiro: Presença, 1979.

FARACO, Carlos Alberto. **Estudos pré-saussurianos**. In: MUSSALIM, Fernanda. Bentes, Anna Christina (orgs). Introdução à lingüística. V. 3. 2. ed., São Paulo: Cortez, 2005. p. 27-42.

LEROY, Maurice. **As grandes correntes da lingüística moderna**. São Paulo: Cultrix, 1974.

LYONS, John. **Introdução à lingüística teórica**. V. 13. São Paulo: Companhia Editora Nacional da Universidade de São Paulo, 1979.

LOPES, Edward. **A semiolinguística de Ferdinand de Saussure** . In: A identidade e a diferença. São Paulo; EDUSP, 1997, p. 45-67.

MALMBERG, Bertil. **Linguística Americana Moderna**. In: As novas tendências da linguística: uma orientação à linguística moderna; tradução de Francisco da Silva Borba. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974.

PAVEAU, Marie-Anne & SARFATI, Georges-Élia. **As grandes teorias da linguística**: da gramática comparada à pragmática. Trad. M. R. Gregolin et all. São Carlos: Claraluz, 2006.

PETTER, Margarida. **Linguagem, língua, linguística**. In: Introdução à linguística: objetos teóricos. In: FIORIN, José Luiz (org). São Paulo: Contexto, 2002. p. 12-24.